

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: a mudança de hábitos de consumo como medida de prevenção e combate ao *Aedes Aegypti* (dengue)

Ana Luiza Grenzel¹

Graciele Cristiane Rambo Grenzel²

Educação Ambiental

Resumo

Durante o século XIX acreditou-se que havia sido erradicado o mosquito vetor *Aedes aegypti*, e com ele as suas doenças, dentre elas a dengue. No entanto, essa ressurgiu nos últimos anos e tem causado grande preocupação para a saúde pública, devido ao alto número de pessoas contaminadas e que em casos mais extremos acabam indo a óbito. Alguns fatores podem ter contribuído para sua disseminação no Brasil, dentre estes se destaca o rápido crescimento demográfico e como resultado a falta de infraestrutura urbana, aumento da produção de resíduos sólidos, seu descarte incorreto e o clima tropical. Dentro desse contexto, a Educação Ambiental torna-se uma aliada quanto ao combate do mosquito *Aedes aegypti* ao contribuir com a mudança de hábitos de consumo dos sujeitos. Nesse sentido, esse trabalho visa identificar como escolhas simples do cotidiano, relacionadas ao que se consome e os resíduos gerados podem auxiliar na prevenção e combate ao foco de proliferação do mosquito, tendo como principal aliado a Educação Ambiental (EA). Como metodologia realizou-se o levantamento bibliográfico aliando as discussões realizadas no campo da saúde e da EA. Dentre as principais considerações destaca-se que a EA pode e deve ser aproveitada para formação crítica e reflexiva quanto a ação humana e o meio ambiente no que diz respeito à prevenção e ao combate à dengue, por meio não só do descarte correto dos resíduos gerados, como também da escolha de produtos que possam gerar menos resíduos e conseqüentemente ser menos agressivo para o meio ambiente e a saúde humana.

Palavras-chave: Dengue; Resíduos Sólidos; Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a relação de consumo e descuido com o meio ambiente causou uma série de problemas para o ser humano, inclusive no campo da saúde. O consumo excessivo e como consequência o descarte inadequado de seus resíduos contribuíram para a proliferação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, principal vetor responsável pela transmissão da febre amarela, zika, chikungunya e a dengue. Dentre essas doenças a dengue tem se destacado nos últimos tempos pelo elevado número de pessoas infectadas, se apresentando assim como um grande desafio a ser superado pela saúde pública.

Diante desse cenário observa-se que a relação que o sujeito estabelece com o meio em que vive poderia afetar e trazer conseqüências, não só com relação aos recursos

¹ Aluna de graduação do curso de Enfermagem, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – Campus Cascavel, grenzel2016@gmail.com

² Mestre em Desenvolvimento Rural Sustentável, coordenadora pedagógica da rede municipal e estadual de Marechal Cândido Rondon – PR, graciele.rambo@hotmail.com

naturais, como também para a saúde. Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) passou a ser vista como uma ferramenta que sugeria a efetiva contribuição para a mudança do cenário de destruição humana e ambiental que se instalou no planeta. Pois, a busca de um ambiente equilibrado e sadio, por meio da formação humana e a transformação de pensamento das civilizações, passa a fazer parte do dia a dia de onde esses sujeitos estão inseridos. Desta forma, esse trabalho visa identificar como escolhas simples do cotidiano, relacionadas aos hábitos de consumo e os resíduos gerados podem auxiliar na prevenção e combate dos focos de proliferação do *Aedes aegypti*, tendo como principal aliado a Educação Ambiental (EA).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa buscou-se traçar uma linha de estudo do qual pudesse aproximar a compreensão da relação humana no que se referem seus hábitos de consumo e cuidado com o meio ambiente, e dentre as diversas consequências desse descuido na área da saúde é a disseminação da dengue. Tendo em vista que entre suas formas de contaminação há uma que se destaca dentro do campo ambiental, ou seja, o consumo e o descarte de seus resíduos de forma incorreta.

Para tanto realizou-se um levantamento histórico sobre a doença com objetivo de compreender sua relação com o aumento populacional como consequência o consumo e ao mesmo tempo buscar dentro do campo da educação ambiental entender como essa enquanto formadora de condutas que possibilitam a reflexão crítica do sujeito dentro de seu contexto de vivência pode contribuir para combater o vetor transmissor do vírus da dengue por meio de um trabalho intermitente de conscientização, por meio da educação ambiental tanto nos espaços formais quanto informais.

Como o tema proposto tem sido longamente estudado e debatido nos últimos anos buscou-se fazer um levantamento bibliográfico a partir dos registros já realizados decorrentes de pesquisas anteriores buscando a partir de suas contribuições trazer um estudo analítico do qual possibilitasse a abertura de novas abordagens (SEVERINO, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início século do XIX o Brasil já enfrentava problemas na área de saúde em decorrência do mosquito *Aedes aegypti*. Na época o mosquito foi o grande responsável pelas epidemias de febre amarela, entre os anos de 1950 e 1960, esse foi temporariamente eliminado do território nacional por meio de políticas públicas de combate ao vetor transmissor. Porém, cabe ressaltar que a população nacional da época era o equivalente a 34,5% da população atual e os resíduos gerados eram predominantemente orgânicos. No entanto, a falta de manutenção e cuidado, e aumento populacional possibilitou que os mosquitos voltassem a circular pelo território brasileiro (MENDONÇA; SOUZA; DUTRA, 2009).

A primeira epidemia desta arbovirose com confirmação laboratorial ocorreu em 1982, na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, totalizando 11 mil casos. Após cinco anos de inércia a dengue ressurge, no estado Rio de Janeiro com 93.910 casos, em apenas dois anos. A partir de então surgem casos em Alagoas no Ceará (1987), uma epidemia em Pernambuco (1987) e surtos isolados nas cidades de São Paulo, Bahia e Minas Gerais (TEIXEIRA; BARRETO; GUERRA, 1999).

Observa-se que o mosquito *Aedes aegypti* vem causando, ao longo das décadas, sérios problemas de saúde pública principalmente em países tropicais e subtropicais ao redor do mundo. Sabe-se que a preocupação quanto à dengue no Brasil não é de hoje, porém nos últimos meses essa tem crescido de forma preocupante registrando de dezembro de 2019 a abril de 2020 mais 525.381 casos de dengue (SVS/MS, 2020).

Dentre os fatores recorrentes para a formação de epidemias de dengue em países tropicais, destacam-se o rápido crescimento demográfico junto com a urbanização desenfreada que resulta em uma infraestrutura urbana inadequada, que somado com o aumento da produção de resíduos sólidos, o descarte incorreto dos mesmos e o clima tropical torna-se um ambiente propício para a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*. Assim como a fragilidade das campanhas públicas, da vigilância em saúde e a falta de preparo da comunidade no que tange o controle da doença (MENDONÇA; SOUZA; DUTRA, 2009).

Neste sentido, a distribuição e a frequência dos casos de dengue podem estar ligadas ao poder de adaptação do mosquito transmissor *Aedes aegypti* ao ambiente ocupado pelo homem, substancialmente aos espaços com grandes concentrações populacionais, em locais onde as condições sanitárias são precárias e praticamente não existe saneamento ambiental. Pois nestes ambientes, potenciais criadouros são facilmente encontrados, como caixas d'água e vasilhames utilizados para armazenamento da água e resíduos sólidos descartados ao ar livre no perímetro das casas pois não há coleta de lixo (TEIXEIRA; BARRETO; GUERRA, 1999).

O clima brasileiro é marcado por chuvas sazonais em grande parte do país, desta forma, após uma pancada de chuva qualquer recipiente descartado de forma irregular pode se tornar um criadouro, pois é na água parada que o *Aedes aegypti* deposita seus ovos. Neste prisma, é imprescindível frisar que, os criadouros mais favoráveis para o mosquito são encontrados em áreas com pouco ou quase nenhum saneamento, onde além da coleta de lixo adequado, a educação ambiental passa a ser uma das principais medidas sanitárias na prevenção da proliferação desta arbovirose (SOBRAL, 2019).

A Educação Ambiental, torna-se assim uma ferramenta capaz de contribuir para que o indivíduo e a coletividade construam valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltados para a conservação do meio ambiente, aspectos essenciais para a qualidade de vida de todos que habitam o planeta terra, bem como, estimular a consciência crítica sobre os problemas ambientais que podem influenciar em diversos campos da sociedade como a saúde (BRASIL, 1999). Compreendendo que está permeia o campo tanto formal, por meio do currículo das instituições de ensino, quanto o informal com práticas educativas voltadas a coletividade, que está pode ser vista como um importante mecanismo de combate a proliferação de focos do mosquito da dengue, principalmente no quesito dos resíduos sólidos.

Formar cidadãos críticos com ajuda da educação ambiental significa ir muito além da conscientização do destino correto do lixo, essa ação de modo geral representa apenas a busca pela solução do problema, a contribuição da EA está justamente na etapa que antecede a solução, ou seja, a prevenção. A prevenção nesse aspecto deve despertar nos cidadãos a reflexão quanto ao consumo, enfatizando sua real necessidade, bem como,

demonstrar que escolhas corretas, como por exemplo, optar por produtos que utilizam menos embalagens, dando preferência ou consumo a granel podem também influenciar na prevenção da dengue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais mecanismos de disseminação do mosquito vetor *Aedes aegypti* são os resíduos sólidos produzidos e destinados de forma incorreta no ambiente. Esses resíduos tornam-se grandes aliados para a formação de criadouros do mosquito assunto de grande preocupação na área da saúde nos últimos tempos. A EA tem contribuído na tentativa de ensinar e conscientizar a população sobre a destinação e o descarte correto dos resíduos sólidos produzidos, no entanto destaca-se que o momento é oportuno para se dar um passo a mais dentro do processo de formação crítica e reflexiva do ser humano, no qual oportunize sensibilizar a população que não só o descarte correto dos resíduos é o suficiente, mas também a mudança de hábitos relacionado a escolha de produtos que possam gerar menos resíduos e conseqüentemente ser menos agressivo para o meio ambiente e para a saúde humana.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Monitoramento dos casos de arboviroses urbanas transmitidas pelo *Aedes Aegypti* (dengue, chikungunya e zika), Semanas Epidemiológicas 1 a 14, 2020 (internet). Vol.51, Boletim Epidemiológico –SVS- Ministério da Saúde. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/HiBGZRZ>. Acesso em 12 jun. 2020.
- _____. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília.
- MENDONÇA, F. de A.; SOUZA, A. V. DUTRA, D. de A. Saúde pública, urbanização e dengue no Brasil. **Sociedade & Natureza**, [s.l.], v. 21, n. 3, p. 257-269, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://cutt.ly/fiBFX58>. Acesso em 19 jun. 2020.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOBRAL, M. F. F. S.; SOBRAL, A. I. G. D. P. Casos de dengue e coleta de lixo urbano: um estudo na Cidade do Recife, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Brasil, v. 24, n. 3, p. 1075-1082, mar. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/aiBKnmQ>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- TEIXEIRA, M. G.; BARRETO, M. L.; GUERRA, Z. **Epidemiologia e medidas de prevenção do Dengue**. *Informe Epidemiológico do SUS 1999*. 8(4):5-33. Disponível em: <https://cutt.ly/iBLycx>. Acesso em: 12 jun. 2020.